

O gramado não tem culpa

Armando Mendes

Quando Brasília foi projetada, os arquitetos acreditavam que poderiam resolver todos os problemas de uma cidade com um desenho urbano novo. Problemas econômicos, sociais, não importava. "Tudo se resolveria desde casas abertas/casas exclusivamente portas e teto", como disse João Cabral de Melo Neto num poema que escreveu sobre Le Corbusier. De lá para cá, os arquitetos ficaram mais humildes, mas o argumento foi retomado, com o mesmo exagero e o sinal trocado, pelos inimigos da arquitetura modernista e por extensão, de Brasília.

Para eles, tudo o que há de ruim cai na conta do desenho das cidades criadas pelos seguidores de Corbusier. Brasília, é claro, fica no meio do fogo cruzado. Lúcio Costa queria apagar séculos de opressão e atraso apenas determinando que o ministro e seu ascensorista fossem vizinhos de superquadra? Não podia funcionar e não funcionou. Mas os mesmos críticos que apontavam o absurdo de se pretender resolver problemas estruturais com um risco na prancheta caem no absurdo oposto quando atribuem à cidade a origem de todos os males do país.

Brasília isolou os governantes, levando a capital para longe da pressão política das cidades maiores, é a acusação mais comum. Os espaços vazios de Brasília são muito grandes e tiram o ânimo dos manifestantes, é o seu complemento. Ora, vamos levar adiante o jogo de paralelos entre Brasília e Washington começado pelo repórter Bob Fernandes — que já viveu nas duas cidades —, na edição de ontem do **Correio Braziliense**.

A capital americana, como Brasília, é uma cidade administrativa e, vá lá, "artificial", no sentido de que também foi projetada e construída como uma decisão de governo. Mas sempre que os americanos julgam a causa importante, descem sobre Washington de todos os cantos do país e enchem a Esplanada

deles, que também é monumental e vazia, com centenas de milhares de manifestantes.

Quem lê jornal e vê televisão conhece com certeza as cenas das manifestações contra a guerra do Vietnam e da marcha dos direitos civis comandada por Martin Luther King. São imagens que fazem parte da memória das últimas décadas. Não tem acontecido muito nos anos 90, mas deve ser porque os americanos andam mais preocupados com o próprio umbigo do que com grandes problemas políticos. E nós, por aqui, por que não lotamos a Esplanada?

Até ensaiamos, na campanha das diretas e no processo contra Collor, mas as manifestações que aconteceram em Brasília tinham mais brasilienses do que manifestantes vindos de outros estados. A Praça dos Três Poderes tem espaço de sobra, mas não se vê aqui, como acontece em frente à Casa Branca, aque-

lendo em círculos e mostrando para a televisão cartazes contra ou a favor de qualquer coisa — das armas nucleares aos direitos dos ratos de laboratório.

Parecem ridículos, muitas vezes, mas estão lá, cutucando o governo. Aqui, ao que parece, só a CUT e o PC do B se dão ao trabalho de trazer gente de fora para fazer barulho na Esplanada, o que é muito saudável e deveria acontecer a toda hora. Mas eles não enchem o gramado. Qual é o problema maior aí? É o gramado ou a nossa tradição política de paternalismo e conchavos de oligarquias? Não temos o hábito democrático de fazer pressão sobre os governantes, em resumo, e esse não é um problema de 34 anos, é de 500 anos.

Sempre que julgam boa a causa, os americanos descem sobre Washington e lotam a Esplanada deles
